

Sobre as propriedades de *mesmo*

BENJAMIM MOREIRA

(Instituto Camões - Universidade de Santiago de Compostela)

0. Procurámos, neste estudo, definir algumas propriedades que caracterizam a forma linguística *mesmo* verificando a coerência formal das operações enunciativas de que é marcador.

A gramática e também a linguística têm utilizado um **critério formal** para classificar as várias ocorrências da forma *mesmo* de acordo com as suas características internas, com as suas funções e com o seu comportamento em contexto discursivo. Sabemos como uma mudança de posição, por exemplo, aparentemente insignificante, pode alterar completamente o valor da palavra, o sentido de uma frase ou até tornar a sequência mal formada.

1. Coloquemos a questão: **os diversos valores de *mesmo* não reenviarão para uma operação fundamental de que *mesmo* seria afinal um marcador complexo?**

Esta parece ser a tentativa do modelo de A. Culioli ao estabelecer como objectivo último a procura de invariantes (vide Culioli 1990: 14-15).

A introdução do conceito de relação de **localização** abstracta ('repérage'), construída pela operação fundamental representada pelo operador de localização abstracta \in permite uma construção teórica unificada, um trabalho transcategorial ligando a determinação, a modalidade, o aspecto, o tempo. **A ideia fundamental é que um objecto adquire um determinado valor graças a um sistema de localização abstracta.**

Trata-se de apreender a significação de um enunciado num determinado contexto como o resultado de um encadeamento de operações e as unidades que o compõem não como unidades intrinsecamente carregadas de sentido mas como configurações específicas de parâmetros operatórios que engrenam e especificam essas operações. Digamos que uma determinada unidade específica a sua *determinação interna* e é especificada por *determinações externas*¹.

2. Observemos então algumas seqüências em que ocorre a forma *mesmo*:

- (1) *O Dinis está mesmo a chorar*
- (2) *A Isabel está a chorar mesmo*

Consideremos *mesmo* marcador de uma operação de percurso que situa um termo (ocorrência²) em relação a outro termo no domínio nocional (interior centrado, fronteira, exterior).

Formulemos então as seguintes hipóteses:

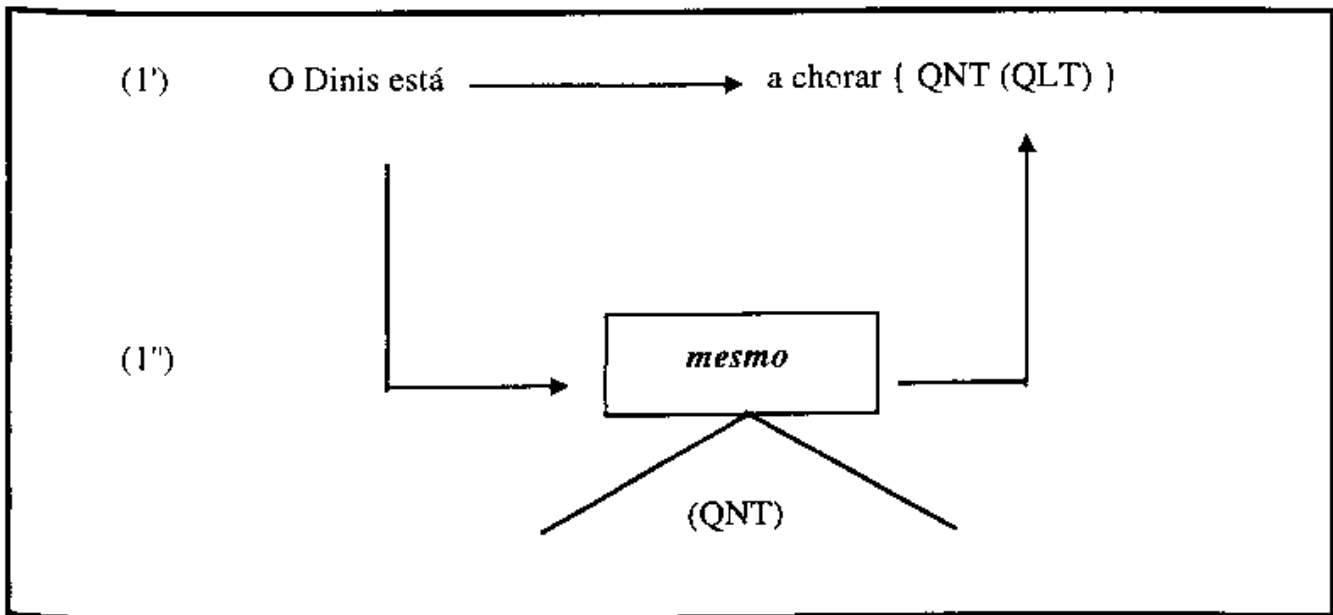
- partindo de uma alteridade, *mesmo* homogeniza um domínio complexo;
- o posicionamento de *mesmo* no enunciado depende da natureza da alteridade.

2.1 Tomemos primeiro o enunciado (1) abstraído-nos da localização aspectual-temporal. Consideremos agora uma interpretação possível (1a) "O Dinis está efectivamente a chorar" que marca uma relação de confirmação entre um preconstruído (explícito ou não) e o enunciado. A seqüência textual (1) produz um valor de confirmação porque o percurso da classe de ocorrências reenvia a uma identificação.

Para Franckel & Paillard (1991: 116) uma ocorrência enquanto acontecimento enunciativo estabelece uma relação variável entre duas formas de delimitação de uma noção :

- delimitação quantitativa, notada QNT, que se associa à ancoragem espaço-temporal da ocorrência;
- delimitação qualitativa, notada QLT: uma ocorrência da propriedade P pode ser *verdadeiramente P, não verdadeiramente P, absolutamente não-P*.

Podemos, assim, esquematicamente representar o acontecimento enunciativo de (1) sendo que (1'), sem o conector *mesmo*, corresponde à representação do preconstruído:



Estamos por isso perante uma delimitação quantitativa, notada QNT, que se associa à ancoragem espaço-temporal da ocorrência.

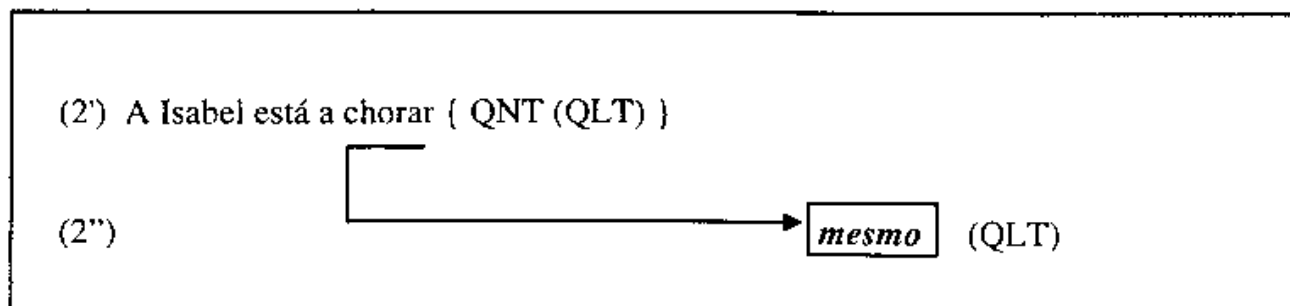
2.2 Vejamos agora o enunciado (2) A Isabel está a chorar *mesmo*, abstraído-nos também da localização aspectual-temporal. Uma interpretação possível é (2a) "A Isabel está a chorar verdadeiramente". É o valor alto grau da noção em questão. A alteridade corresponde ao domínio não centrado (o *simplesmente p* de Culioli). *Mesmo* constrói o valor centrado da relação predicativa. A ocorrência de estudo é enviada ao centro atrator. Estamos perante uma alteridade de tipo apreciativo.

A ocorrência da noção /chorar/ é identificada ao Centro Atrator eliminando qualquer diferenciação que o enunciador atribui ao coenunciador. Esta *afirmação forte* tem assim um valor polémico: a identificação atribuída pelo enunciador surge de uma diferenciação atribuível ao coenunciador. Estão assim presentes dois valores do operador de localização abstracta: a identificação ao centro atrator e a diferenciação no interior do domínio. Um fenómeno como este revela assim características dialógicas e argumentativas evidentes.

Procuremos reconstruir o processo de construção do enunciado (2). Distinguimos uma primeira relação entre o sujeito do enunciado (*A Isabel*) e uma noção /chorar/ que constitui uma asserção positiva: *A Isabel está a chorar*. Mas o enunciador modaliza a afirmação com uma apreciação de intensidade marcada por *mesmo*. Para o enunciador, o sujeito do enunciado possui as qualificações máximas para uma predicação positiva.

Mesmo indica que se trata de uma ocorrência que se identifica com as propriedades atribuíveis ao predicado. *Mesmo* situa a ocorrência no Centro Atrator, correspondente ao valor de alto grau.

Representemos, estereoscopicamente, o acontecimento enunciativo de (2):



Estamos por isso perante uma delimitação qualitativa, notada QLT, que se associa à ancoragem espaço-temporal da ocorrência.

3. A partir desta dissociação entre delimitação QNT e delimitação QLT, podemos, por exemplo, dar conta de dois valores do advérbio *mesmo*.

- quando *mesmo* está anteposto ele é o localizador da relação predicativa determinante;
- quando *mesmo* está posposto, incide sobre uma ocorrência da propriedade, já estabilizada, modalizando-a.

A **operação de localização** constrói uma relação binária entre um termo³ localizador e um termo localizado. Paillard (1992: 77) distingue a localização enquanto **construção** de um termo (através da sua relação com outro termo) da **especificação** de um termo (por outro termo). Deste modo, construção e especificação são duas formas distintas de determinação. A localização enquanto construção de um termo está ligada à predicação de existência e por isso à **quantificação**; a localização enquanto especificação é uma operação de **qualificação**. O termo localizado adquire determinação que não tinha antes.

Podemos assim dizer que a ocorrência em (1) releva de um funcionamento específico do operador de localização abstracta e corresponde à operação de **construção**. Nesse processo *mesmo* é o termo **construtor**.

A ocorrência em (2) releva de um funcionamento específico do operador de localização abstracta e corresponde à operação de **especificação**. Nesse processo *mesmo* é o termo **especificador**.

4. No enunciado

(3) *Acabaste mesmo por comprar aquele tuguírio !*

a alteridade é de ordem intersubjectiva (relação entre os enunciadores). *Mesmo* permite a centragem de p eliminando a alteridade correspondente ao domínio não centrado. Eu queria que tu te abstivesses de fazer p (S1 é o suporte do valor p'). Dado o valor de S1 (p'),

mesmo homogeniza sobre o outro, aquele de que S2 é o suporte (p). Há por isso uma alteridade entre os enunciadores: < eu não querer p > (S1 associado a p') e < tu fazer p (comprar) > (S2 associado a p), *mesmo* homogeniza sobre p. O domínio validado é < () comprar () >, o que dá o valor de incompreensão, insatisfação ou até indignação. Também poderíamos dizer: "Acabaste *mesmo* por comprar a bela casa que te indiquei". A alteridade é aqui resolvida a favor de S0 = S1, enquanto que em (3) era a favor de S2.

5. Vejamos alguns casos em que *mesmo* está antes do termo sobre o qual incide e com o qual constitui uma unidade de entoação. Esse termo é interpretado como sendo o pólo de alteridade.

Algumas configurações possíveis:

(4) k, x, y *mesmo* z; (4') x *mesmo* y; (4'') *mesmo* x

Parece haver sempre uma alteridade entre dois termos ou entre um termo e uma classe de termos. *Mesmo* está colocado antes do termo que é *a priori* diferente do(s) outro(s).

Na configuração (4) k, x, y *mesmo* z a alteridade é colocada entre um termo z e uma classe de termos, k, x, y.

(4) *A Rita levou para a escola um caderno, um livro, um lápis, uma caneta, uma borracha e mesmo um dicionário.*

Dada uma classe de termos (w, x, y, livro, caneta) pertencentes ao domínio p ("material escolar que as crianças levam normalmente para a escola"), So acrescenta um elemento z (dicionário) que, *a priori* não faz parte de p (material que no primeiro ano do ensino básico as crianças levam para a escola). Nesta idade e neste contexto educativo, levar um dicionário para a escola é tido um caso excepcional. Há por isso uma diferença entre z e os outros elementos.

Ora, *mesmo* (ou *até*) coloca z no mesmo plano que os outros (z aparentemente relevava do exterior do domínio). So homogeniza em p.

Na configuração (4') x *mesmo* y, a alteridade é colocada entre dois termos:

(4') *O Pedro e mesmo a Sara tiveram uma oportunidade de mostrar o que sabem.*

Esta configuração enquadra-se na anterior (4) que por sua vez já permitia, mas não foi explicitada, a operação em que *mesmo* toma um elemento pertencente a p' para o enviar ao domínio p, colocando-o no mesmo plano.

Finalmente um caso idêntico a (4) ou a (4') mas em que (x) ou (k, x, y) não estão explicitados.

(4'') *Mesmo tu ousaste chegar atrasado*

Esta sequência supõe uma classe de termos pertencentes ao domínio p (pelo menos um; aqueles que chegam habitualmente atrasados). "tu" é diferente dos outros (p') mas *mesmo* coloca-o no mesmo plano.

So homogeniza em p. Este exemplo pode inserir-se em (4) ou em (4').

Este emprego de *mesmo* tem o mesmo valor que *até*.

As operações subjacentes ao emprego de *até* foram descritas em Campos (1991: 191):

- (a) pré-construção de uma classe abstracta de ocorrências;
- (b) percurso da classe que constitui o interior do domínio;
- (c) saída para o exterior;
- (d) escolha de um elemento do exterior e sua integração na classe preconstruída que é então reconstruída;
- (e) este elemento novo é extraído e distinguido como localizador da relação predicativa.

O elemento seleccionado assume o estatuto de centro atractor pondo em destaque a relação concessiva subjacente que poderia ser parafraseada deste modo: (4'a) "embora sejas a pontualidade em pessoa, desta vez chegaste atrasado; então o que aconteceu aos outros, frequentemente atrasados?"

6. Observemos um só exemplo de valor construído nos empregos na forma negativa.

Num enunciado negativo como

(5) *tu não lhe deste mesmo nada*

mesmo marca que não há absolutamente nenhuma ocorrência que permita validar a relação predicativa < dar (alguma coisa) >. A **alteridade** é de tipo **nocional** (o valor negativo p' supõe p, valor positivo).

Temos homogenização do domínio sobre o exterior estrito.

7. Vejamos alguns casos em que *mesmo* está a seguir ao termo sobre o qual incide.

(6) *Tu mesmo faltaste à festa* (compare-se com (4'')).

Digamos sinteticamente que a alteridade de partida existe entre os dois "tu". Na perspectiva do enunciador, o co-enunciador revela todas as propriedades da noção. Por isso temos uma dissociação de perspectivas na construção, predominando o caminho encetado pelo enunciador mas a operação de alteridade correspondente à perspectiva do co-enunciador está marcada na partícula *mesmo*. Ao centrar a ocorrência evita-se, mas não se esconde, a diferenciação, ou seja, a negação que está na origem da centralização.

Mesmo permite, para além da ênfase, clarificar uma situação, como acontece também quando acompanha o demonstrativo: *esse mesmo, isso mesmo*.

Vejamos uma pequena bateria de enunciáveis

- (7) *A Sara foi esperta*
 (7') *A Sara foi mesmo esperta*
 (7'') ?? *A Sara foi esperta mesmo*
 (7''') *A Sara foi mesmo muito esperta*
 (7'''') *A Sara foi muito esperta mesmo*

Uma outra sequência possível seria

- (7''''') *Mesmo a Sara foi esperta*

que tal como a descrição que fizemos em (4'') poria em relevo a relação concessiva parafraseável por: “embora se considere que a Sara é uma das raparigas que revela menos capacidades, ela surpreendeu mostrando-se capaz, o que pode não ter acontecido a outras ou então se se quer apenas provar o baixo grau de dificuldade.

Para o enunciador de (7') *A Sara foi mesmo esperta*, o co-enunciador pode/podia ter pensado que a Sara não era tão esperta assim (negação de um predicado graduável), há uma operação de envio ao centro atrator da noção. Este enunciado, que é afirmativo, contém uma ideia de negação.

Que razões poderão explicar a difícil aceitabilidade de (7'') comparada com (7')?

Enquanto em (7') *mesmo* é o marcador da operação de reconstrução da relação predicativa, é o termo **reconstrutor** da relação predicativa, em (7'') *mesmo* é o marcador da operação de especificação da relação predicativa. Ora, como estamos perante um predicado graduável, a operação de construção e a operação de especificação são concomitantes com a modalização enunciativa.

A própria determinação interna do marcador *mesmo* apresenta-se já como uma forma muito reforçada em que se combinam dois elementos enfáticos: o *met*, que se agregava aos pronomes para reforçar o seu sentido, e *ipsimus*, superlativo de *ipse*.

Por tudo isto, *mesmo* parece ter dificuldades de coocorrer à direita de adjectivo no grau normal por não suportar ser o especificador de uma ocorrência qualquer, não centrada. Fica assim explicada a aceitabilidade do enunciado (7'''''), em que se verifica o reforço QLT da ocorrência destacada e superlativa.

É interessante compararmos o comportamento de *mesmo* enquanto elemento enfático, especificador do pronome *Eu* em (8) e do advérbio *ontem*, que o antecede, marcando uma alteridade:

- (8) *Eu mesmo cheguei ontem*
 (9) *Eu cheguei ontem mesmo*

8. Constatámos assim a coerência formal das operações de que *mesmo* é marcador. *Mesmo* marca uma operação complexa de construção de um domínio nocional (interior centrado, fronteira, exterior), situando um termo, isto é, uma ocorrência, em relação a um outro termo, ou seja, uma outra ocorrência, no domínio. Trata-se afinal de uma relação, em muitos casos de **confirmação**, entre um pré-construído (explícito ou não) **en**₁ e o

enunciado (sequência textual) $en_2: en_1 \rightarrow en_2$ ⁴. Construído um domínio, percorre-se o domínio de todas as soluções possíveis. A operação de percurso corresponde, aqui, a uma identificação pelo que se constrói um valor de confirmação.

Compreende-se então o valor polémico subjacente à relação concessiva construída por *mesmo que*, marcador de um percurso, com ou sem estabilização:

(10) *Mesmo que ele chore não me demove*

Mesmo parece ser a imagem⁵ de uma asserção positiva infinitamente iterada. Como refere Culioli (1973: 89): le schéma concessif consiste à tout concéder, ou plutôt à poser que l'on concède tout l'imaginable (il s'agit d'une totalité abstraite, ou faut-il dire idéale?) pour mieux affirmer par contraste adversatif, qu'il reste que (...).

Não nos foi possível descrever todos os empregos e os agenciamentos desta partícula tão pequena. Outros valores poderão vir a ser descritos. Por exemplo: é o mesmo (rapaz), é o mesmo! (tanto faz), na mesma (igual); mesmo assim/assim mesmo, etc.

Para já ficamo-nos por aqui.

NOTAS:

1. Entende-se por *determinações externas* o conjunto das determinações situacionais que relevam dos parâmetros da enunciação: S (sujeito) e T (tempo), e contextuais. Por *determinação interna* entende-se a relação Qlt Qnt própria de cada termo. Ver Franckel & Paillard 1991: 117.
2. Uma *ocorrência* é uma manifestação de uma propriedade no tempo e no espaço (Franckel & Paillard 1989: 122). As ocorrências são entidades produzidas pela enunciação (de Vogüé 1988: 114).
3. "Termo" designa aqui um objecto linguístico ou metalinguístico. Segundo Campos (1994: 4) pode ser um parâmetro enunciativo Sujeito (S) ou Tempo-espaço (T) que definem uma Situação de Enunciação, ou sistema referencial, localizador último ou localizador origem.
4. Notemos que en_2 é o enunciado que contém o marcado *mesmo*.
5. Utilizamos o conceito de 'imagem' tal como o define A. Culioli (1973: 89) ou seja, como "o representante de uma classe de valores imaginários".

BIBLIOGRAFIA:

- CAMPOS, M.H.C. 1997 — *Tempo, Aspecto e Modalidade. Estudos de Linguística Portuguesa*, Porto, Porto Editora.
- CULIOLI, A. 1981 — "Sur le concept de notion", *BULAG* 8, 62-69.
- CULIOLI, A. 1990 — *Pour une linguistique de l'énonciation*, Paris, Ophrys.
- CUNHA, C. & L.F.L. Cintra 1984 — *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Lisboa, Edições João Sá da Costa.
- FRANCKEL, J-J. & D. Paillard 1989 — "Objet - Complément - Repère", *Langages* 94, 115-127.
- FRANCKEL, J-J. & D. Paillard 1991 — "Discret-Dense-Compact; vers une typologie opératoire", in C. Fuchs (ed) *Les typologies de procès*, Paris, Klincksieck, 103-136.

- FRANCKEL, J-J. & D. Lebaud 1992 — "Lexique et Opérations - Le lit de l'arbitraire", in *La Théorie d'Antoine Culioli: ouvertures et incidences*, Paris, Ophrys, 89-105.
- MOREIRA, B. 1995 — "Para a constituição de um conjunto de marcadores enunciativos intermodais", in *Actas do X Encontro Nacional da APL*, 359-373.
- PAILLARD, D. 1992 — "Repérage: construction et spécification", in *La Théorie d'Antoine Culioli: ouvertures et incidences*, Paris, Ophrys, 75-88.
- VOGÜÉ, S. de 1988 — "Référence et Prédication" in *Recherches Nouvelles sur le Langage*, collection ERA 642, DRL, Laboratoire de Linguistique Formelle, Université Paris 7, 108-138.